

ARTE E RESISTÊNCIA

IOLE DE FREITAS

ART AND RESISTANCE

ARTE Y RESISTENCIA


RESUMO

O texto apresenta a trajetória da artista Iole de Freitas desde os anos 1960, destacando suas experimentações em *body art*, vídeo e fotografia, seu envolvimento com movimentos feministas, bem como suas reflexões sobre a inseparabilidade entre arte e ética e seu papel na transformação social.

PALAVRAS-CHAVE Arte contemporânea; Arte e sociedade; Experimentação estética

Dossiê Deslocamentos
da História e da Crítica
de Arte: 1970-2020

Iole de Freitas*

 [https://orcid.org/
0009-0000-1015-057X](https://orcid.org/0009-0000-1015-057X)

*Artista visual, Brasil

DOI: [https://doi.org/
10.11606/issn.2178-0447.
ars2025.235728](https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars2025.235728)

e-235728

ABSTRACT

This text traces the artistic journey of Iole de Freitas from the 1960s onward. It emphasizes her exploration of body art, video, and photography, her involvement with feminist movements, and her reflections on the inseparable connection between art and ethics and its role in social transformation.

KEYWORDS

Contemporary art; Art and society;
Aesthetic experimentation


RESUMEN

Este texto presenta la trayectoria del artista Iole de Freitas desde la década de 1960 y destaca sus experimentos en *Body art*, video y fotografía, la participación en movimientos feministas, así como sus reflexiones sobre la inseparabilidad entre el arte y la ética, y su papel en la transformación social.

PALABRAS CLAVE

Arte contemporáneo; Arte y
sociedad; Experimentación estética





Boa tarde a todos. Agradeço muito o convite de Fernanda e de Martha, pela possibilidade de pensar aqui com vocês a partir da pesquisa do livro que fizeram. Agradeço ao Masao e ao Marcelo, que nos recebe e que fez aquele livro incrível sobre a escultura no Brasil.

Bom, não posso começar sem falar uma coisa que me dá muita angústia. Estamos aqui refletindo sobre o que abraçamos como nosso fazer, mesmo no momento em que o sul do Brasil está debaixo d'água. Acho que isso importa. Eu não conseguiria começar a falar parecendo que está tudo ótimo. Não está. Melhorou muito depois da vitória na última eleição, mas ainda falta. As crises climáticas, sobre as quais falamos e falamos, estão sendo mais rápidas que nossas falas, uma vez que elas não carregam as ações que se fazem necessárias. Está claro: preferimos afogar na lama que tomar as providências urgentíssimas. Veremos.

Mas quero só dizer isso: nós, artistas, ficamos numa posição sofrida, desconfortável diante de tanta dor, no entanto temos com nossos trabalhos – com os quais nos comprometemos

existencialmente – a ferramenta de atuação na realidade social. Afinal, criamos linguagem, que nada mais é que ponte para o outro. E no movimento de compartilhamento do que acreditamos, podemos mudar as coisas.

Construímos, no processo criativo – que implica num movimento contínuo e alternado de introspecção e extroversão – rupturas de linguagem e com elas buscamos chegar aos outros. Como agora; saio do ateliê onde estava mergulhada nas experiências do trabalho e venho aqui, com alegria e prazer, pensar junto com vocês e trocar. Tudo isso com a antena ligada no que está ocorrendo conosco, à nossa volta.

Precisamos manter isso sempre. Para mim, arte e ética caminham juntas. Não tem como separá-las. Isso porque a arte se coloca no mundo carregando o crivo consciencial de quem a faz, afirmando-se como impulsionadora das mudanças sociais. Como alarme daquilo que não está sendo justo ou solidário no âmbito sociopolítico-existencial. Manter uma coerência com a própria fala não é muito simples. Mas o trabalho não existe, não se expande, se não criar a relação dele com o campo social. Trata-se de um compromisso com nós mesmos.

Estou com 78 anos. Atravessei os anos 60, terríveis, do golpe. Resisti. Atravessei também os anos 70 e 80 num Brasil que aos poucos tentava se reinventar. Vivenciei-os de maneira muito peculiar. Nos anos 60, no Rio, eu frequentava o Museu de Arte Moderna num grupo de artistas aos quais fui apresentada pelo Vergara, que conheci no ateliê do Luiz Watson – uma pessoa muito especial, que trabalhava com teatro nas fábricas desafiando a ditadura, e que ensinava tecelagem nas clínicas para tuberculosos como terapia ocupacional. Esses encontros e essas conversas dos quais participavam Vergara, Gerchman, Antônio Dias, Roberto Magalhães, entre outros foram fundamentais para mim.

Nesse período eu fazia dança. Passei para a Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ (ESDI) mas não fiquei. No Museu de Arte Moderna (MAM) fiz o curso de artes gráficas com Rogério Duarte, uma pessoa brilhante. Convivi com Antonio Dias, meu querido amigo, com quem me casei em 1970, indo morar em Milão. Naquele período toda a pertinência das discussões sobre arte e política, ficaram bem arraigadas em mim.

Em Milão – após trabalhar na Olivetti em um momento de grandes inovações no desenho de produtos (como a Valentine, máquina de escrever portátil, vermelha, que fora há pouco

projetada pelo Sottsass), e de ter participado de inúmeros projetos de comunicação visual para a imagem empresarial junto a designers como Ettore Stottsass e Hans Von Klier – iniciei meu trabalho de performances, filmes e fotos, inserindo-me num grupo de artistas cujo movimento foi conhecido como *body art*. Na prática pessoal de pesquisa no ateliê participei da radicalidade dos movimentos feministas na área de artes plásticas quando, através de um corpo que rompe as posturas tradicionais, criava-se uma linguagem plástica que carregava em si os fermentos da liberdade estética/ética, logo política.

Tudo isso ocorreu quando Rara, minha filha, nasceu: o processo criativo se ampliou, se individualizou e comecei a fazer o meu próprio trabalho. Foi então, como acabei de dizer, que iniciei com os filmes super 8 e as sequências fotográficas. E assim, na vida e na linguagem, tudo surgia como emergencial – precisava urgentemente ser feito. Tudo era politicamente engajado, quando compartilhado. Como nas creches solidárias onde nós, mães e pais, nos revezávamos no cuidado e alimentação das crianças. Ali também, toda a estrutura do viver mostrava que nada sobrava; nada que não fosse o essencial.

Meu amigo Eucanãa Ferraz tem um texto magnífico sobre meus três primeiros filmes *Elements*, *Light Work* e *Exit* (**Figuras 1, 2 e 3**) no catálogo da exposição *Imagem Como Presença – Iole de Freitas anos 70* (p. 164), que foi organizada pelo Instituto Moreira Salles com curadoria de Sonia Salzstein. Eucanãa introduz a palavra “pouquidão” referindo-se à economia de procedimentos estéticos ocorridos na realização dos três filmes. Essa atitude revelava a natureza ética/estética do viver daqueles instantes nos anos 70. É o que ocorre na trilha sonora do filme *Elements*, que foi gravada numa fita cassete a partir do som de Asa Branca vindo de uma vitrola, textos meus e ruídos eletrônicos. Pouquidão.



Figura 1.
Iole de Freitas, Elements, 1972.
Filme super 8 digitalizado em 2023.
Acervo Coleção Iole de Freitas.



Figura 2.
Iole de Freitas, Light Work, 1972.
Filme super 8 digitalizado em 2023.
Acervo Coleção Iole de Freitas.



Figura 3.
Iole de Freitas, Exit, 1973. Filme
super 8 digitalizado em 2023.
Acervo Coleção Iole de Freitas.

A presença da faca/imagem – no filme *Exit* e nas obras fotográficas – difere da faca real, a que corta minhas costas para nela instalar uma escultura de titânio. A escultura dentro e a faca fora. Mesmo na faca/imagem o teor é de corte, de eliminação daquilo que se tornou desnecessário. Rasgo que dá a ver o outro lado das coisas. Qualquer coisa. Como nos pequenos objetos do ateliê tornados elementos nos filmes: os espelhos, a lâmina de vidro que reflete o corpo... *Cacos de Vidro, Fatias de Vida (Glass Pieces, Life Slices)*. Pouco corpo cabe num fragmento de espelho: fragmento de si.

A *body art* surge como ruptura das inúmeras questões comportamentais reacionárias/conservadoras presentes na Itália, Alemanha, Áustria etc. Surge como potência de inovação e impulsiona vigorosamente o movimento artístico. Ao lado das fortes lutas operárias na Itália esses movimentos estremecem o que existia. Propõem novas abordagens conceituais, tecnológicas, existenciais e se fazem presentes nas bienais, nos museus, nas galerias, apresentando uma nova linguagem: a do corpo em movimento, nas performances filmadas ou fotografadas em plena ação. O movimento feminista se amplia e ganha potência. Rompemos muitas barreiras. E na Bienal de Paris de 1975 mostramos, com nossos trabalhos, a que viemos!

Nas sequências fotográficas e nos filmes, era eu que me fotografava e filmava enquanto fazia a ação com os panos, os espelhos e a faca (**Figuras 4 a 8**). Essas ações eram realizadas comigo isolada no ateliê em casa. Nas galerias como a Diagramma de Luciano Inga-Pin em Milão, e em Viena na Galeria Grita Insam – uma mulher que teve uma atuação feminista firme nas artes nos anos 70 – esse movimento eclode com intensidade. Não se pode lutar por uma dinâmica social mais justa, se não tivermos uma postura ética, íntegra no nosso próprio trabalho.

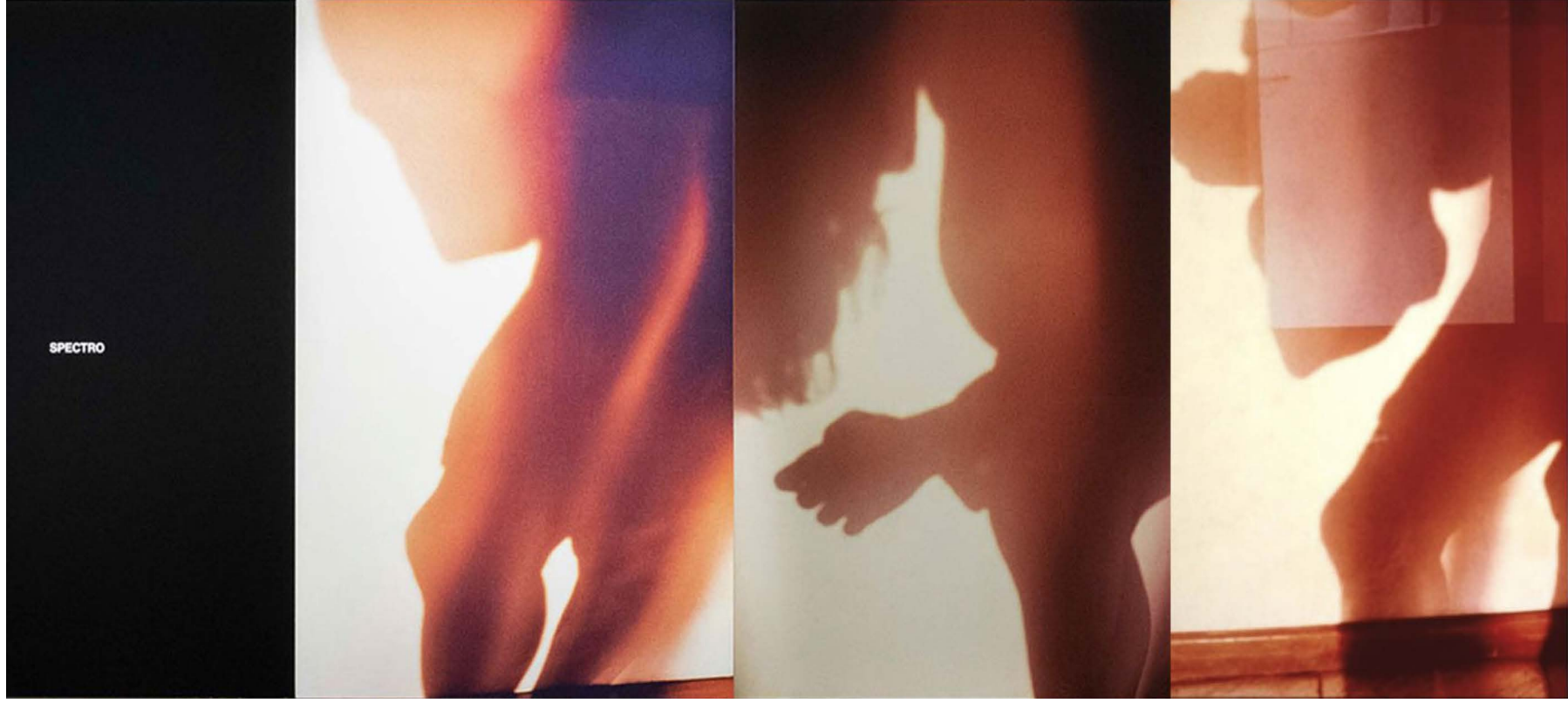


Figura 4.
Iole de Freitas, Spectro, Milão 1972.
Sequência fotográfica impressa em
pigmento mineral sobre papel Canson
Platine Fibre Rag 310g, 154x105cm cada.
Acervo Coleção Iole de Freitas.



Figura 5.
Iole de Freitas, Glass Pieces Life
Slices, Milão 1975. Sequência
fotográfica impressa em pigmento
mineral sobre papel Canson Platine
Fibre Rag 310g, 105x135cm cada.
Acervo Coleção Iole de Freitas.

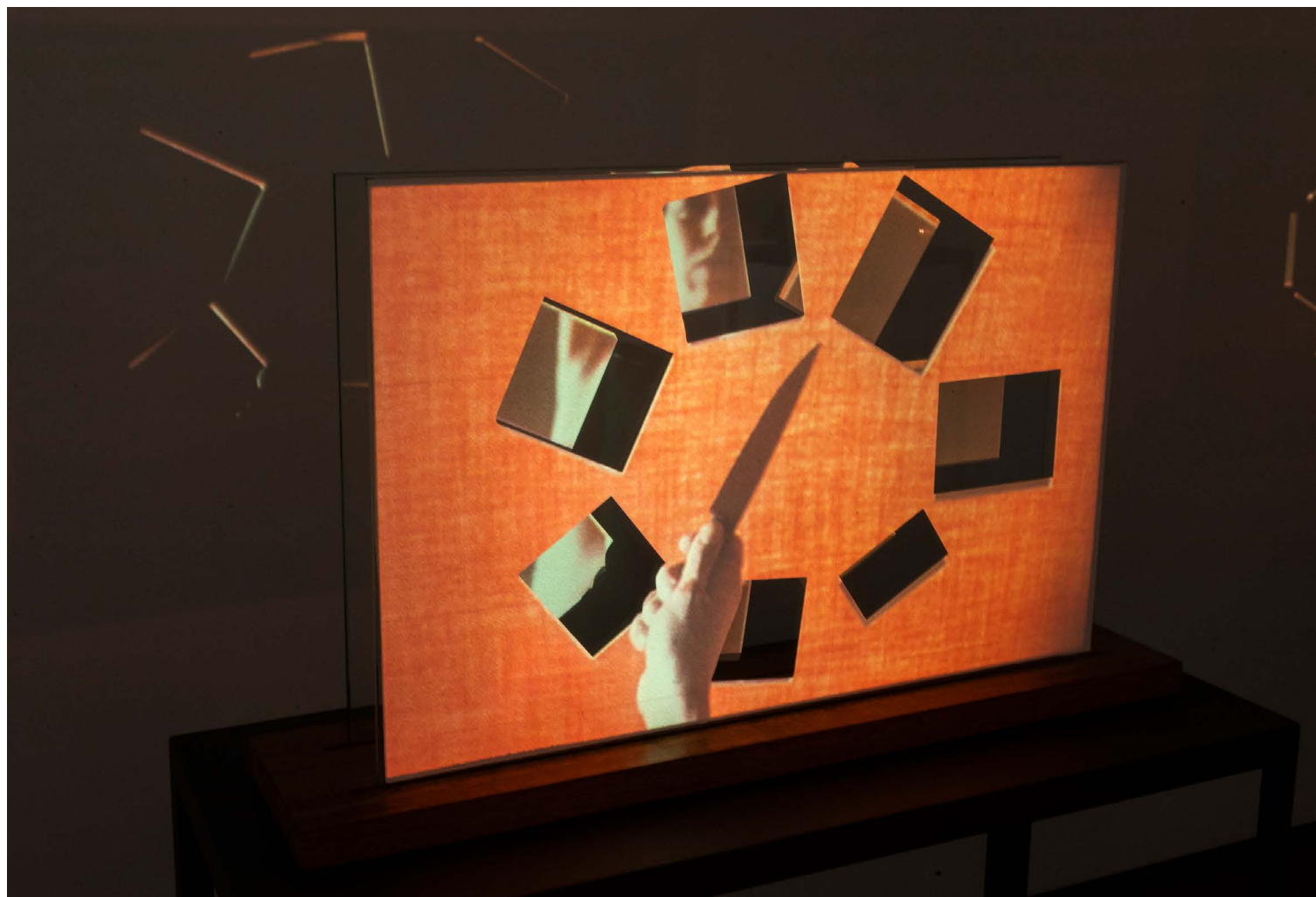


Figura 6.
Iole de Freitas, Glass Pieces Life Slices,
1975_2023. Projeção de impressões
digitais em Pictórico Pro a partir de slide
35mm sobre lâminas de vidro 42x70cm.
Acervo Coleção Iole de Freitas



Figura 7.
Iole de Freitas, Glass Pieces Life Slices, 1976.
Sequência fotográfica impressa em 2023
em pigmento mineral sobre papel Canson
Platine Fibre Rag 310g a partir de slides
35mm. 73x102cm. Coleção Paulo Venâncio.



Figura 8.
Iole de Freitas, Introvert_Penetrate;
Extrovert_Penetrate; Fear_Do Not Penetrate,
1973-1974. Sequência fotográfica impressa em
2023 com pigmento mineral sobre papel Canson
Platine Fibre Rag 310g. 70x50cm.

Annette Messager, Katharina Sieverding, Urs Luthi foram alguns dos artistas que convidei para participar da exposição *Fotolinguaagem*, por mim organizada em 1973 no MAM Rio. Achei importante trazer as obras fotográficas desses artistas para expor no Rio, discutindo as questões da *body art* e do uso dos meios fotográficos e fílmicos na estrutura das próprias obras. Em 1974 no MAM realizo a minha individual ampliando o campo de discussão e reflexão sobre essas obras. Abriu-se a pergunta: é possível usar outras mídias para construir a linguagem plástica? Hoje parece óbvio, mas no início dos anos 70 não era.

Estávamos sempre vivendo, respirando, mergulhados na experimentação estética. Coerente e cortante.

Vou encerrar aqui.

Como é que você vive e olha, encara quem tem 21, 22, 23 anos... sem afirmar que você está a cada instante se arriscando de maneira consciente numa experiência inovadora de vida? Isso é algo que o ato criador lhe dá. É senso ético rigoroso. É ter uma postura experimental durante toda a vida (**Figuras 9 e 10**). Nas últimas exposições, em 2023, voltei a dançar dentro e a partir das grandes instalações. Danço com eles. Com Bento, meu neto.



Figura 9.
Iole de Freitas, Colapsada em Pé, 2023.
Instalação Instituto Tomie Ohtake,
São Paulo. 630x940x1600cm.
Foto Ricardo Miyada.



Figura 10.
Iole de Freitas, Fragmentos, 2023.
Video-instalação parte da exposição
Colapsada em Pé, Instituto Tomie Ohtake,
São Paulo. Foto Ricardo Miyada.

E essa geração mais nova? Vocês todos aqui são mais novos que eu... estou com 78. Então prestem atenção porque não é com “dor de cabeça”, preguiça, falta de coragem e indecisão que vamos conseguir manter este planeta de pé... RESISTIR. Vocês acham que eu estou com dor de quê? Vocês não têm noção! Eu vou me dobrar à dor? Não vou. Até cair dura. Não vou.

Então, vamos entender isso. Porque senão fica um eterno desculpismo.

Eu não sei o que vocês vão fazer do nosso Brasil. A minha geração que atravessou o horror em 1964, que acompanhou os amigos morrendo de maneira cruel – crueldade humana é uma das piores coisas que existe – RESISTIU. Atravessamos situações difíceis. Mas não perdemos o prumo. Não perdemos o foco. E a gente quer este Brasil funcionando. Com justiça social. Com a Amazônia viva. Então, todos vocês aí, acho bom comecem a trabalhar, a impulsionar seus processos criativos, suas linguagens estéticas, suas falas poéticas. Que seus trabalhos eclodam. Porque senão, não vai rolar.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Iole de; FILHO, Paulo Venancio. **Iole de Freitas**: corpo/espço. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

INSTITUTO, Moreira Salles. **Iole de Freitas, anos 1970**: imagem como presença. Catálogo: organização Sônia Salzstein,, Leonardo Nones. São Paulo: IMS, 2023.

TORRES, Fernanda Lopes; SILVA, Martha Telles Machado da. **O papel da crítica na formação de um pensamento contemporâneo de arte no Brasil na década de 1970**. Rio de Janeiro, RJ: NAU, 2023.

SOBRE O AUTOR

Iole de Freitas começou seus estudos em dança contemporânea no Rio de Janeiro e se mudou para Milão em 1970, onde trabalhou como designer e iniciou sua produção artística. Ao longo da carreira, a artista tem participado de importantes mostras internacionais e suas obras estão presentes em importantes coleções no Brasil e no mundo.

Artigo recebido
em 16 de novembro de 2024 e
aceito em 9 de dezembro de 2024.